

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ANÁLISE DE UM PROCESSO AVALIATIVO
DO JOGO DE HANDEBOL

GABRIEL MONTOURO FERREIRA

BAURU
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ANÁLISE DE UM PROCESSO AVALIATIVO
DO JOGO DE HANDEBOL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Ciências do Câmpus de Bauru, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Educação Física, sob orientação da Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira.

BAURU
2015

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família, mãe, pai e irmão, pois sem eles nada disso seria possível.

Aos meus professores da época de ensino fundamental e médio, em especial meu professor de educação física do fundamental Marco Aurelio Prado, que sempre me incentivou nos esportes e quem me apresentou ao handebol.

Aos professores da graduação, em especial professora Lilian A. Ferreira, que sempre mostrou ser uma excelente professora, muito dedicada e extremamente comprometida com os alunos, uma professora que procuro me espelhar.

Ao amigo e treinador Rodrigo C. Zaguetto que também sempre mostrou dedicação e um exemplo a ser seguido, e que me ensinou muito sobre o esporte e a vida.

Aos meus amigos, os que fiz antes da faculdade e os que conheci na UNESP, que me fazem crescer como pessoa e querer ser sempre melhor que antes.

RESUMO

O handebol é um esporte coletivo de invasão, muito praticado nas escolas brasileiras. Existem diferentes métodos de ensino dos esportes coletivos, e com eles diferentes métodos avaliativos, o presente estudo teve como objetivo analisar o percurso de construção de processo avaliativo compartilhado com alunos de um projeto de handebol de uma escola municipal de Bauru na iniciação esportiva. A abordagem de pesquisa utilizada foi a qualitativa, sendo caracterizada por estudo interpretativo-descritivo. As técnicas de coletas empreendidas foram: entrevista e observação de jogos de handebol. Participaram do estudo 14 alunos (crianças e adolescentes) de uma escola municipal, integrantes de um projeto de handebol que ocorria no horário contrário das aulas curriculares. Os resultados e análises dos dados apontaram para alguns pontos relevantes, como: a maioria dos alunos apresentou uma melhora no desempenho dos jogos ao analisarmos os vídeos e quantificação das ações, mas a principal melhora foi na parte comportamental dos alunos, que passaram a participar mais do jogo e a reclamar menos uns com os outros, algo constatado pelos próprios alunos nas entrevistas realizadas. Por fim apresentamos as considerações finais, apontando que a avaliação da lógica interna do jogo de handebol ainda é um recurso pouco utilizado por muitos professores de educação física, por diferentes motivos. Ainda assim, acentuamos que tal recurso pode trazer inúmeros benefícios ao professor, em especial no processo de identificação da aprendizagem do jogo por parte do aluno, bem como no âmbito do ensino, ao possibilitar que o professor se autoavalie, reflita sobre sua intervenção e identifique se os objetivos estabelecidos estão sendo alcançados com seus alunos.

Palavras chave: Iniciação esportiva. Handebol. Processos avaliativos.

ABSTRACT

Handball is a team sport invasion , much practiced in Brazilian schools . There are different teaching methods of team sport , and with them different evaluation methods , this study aims to analyze the shared evaluation process of building course with students of a handball design of a municipal school in Bauru in sports initiation and at the end submit an evaluation process. For this study students of a municipal school participants handball classes in the opposite time of curricular classes underwent an interview, besides having been recorded them playing a handball game with number of small participants at the beginning of the post holiday classes July and another three months later as a form of evaluation . After reviewing the videos and interviews, it was concluded that some students had a game performance improves when they were part of the attack, and also had a behavioral improvement, both from actions taken in the game, as respect to the next , thus interpreted by the students themselves. Although it is a difficult task to analyze and quantify the performance of students in Physical Ed classes can complete some improvements , moreover is valid Professor hear the views of students to understand the vision that students have of themselves during the game

Keywords: sport initiation, Handball, Evaluation processes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO 1: O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS: O CASO DO HANDEBOL	08
CAPÍTULO 2: A AVALIAÇÃO DOS ESPORTES COLETIVOS: O CASO DO HANDEBOL	14
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA MATERIAL E MÉTODOS	19
CAPÍTULO 4: ANALISE DOS RESULTADOS.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.	31
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	33
ANEXO B - Termo de Assentimento do Menor	34

INTRODUÇÃO

O esporte sempre esteve presente em minha vida, em especial o handebol, comecei praticando na escola no ensino fundamental (5ª série ou 6º ano) e continuo praticando até os dias de hoje, já na graduação comecei a participar do projeto de extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol” na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", ao mesmo tempo entrei no NEPATEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas das Abordagens Táticas nos Esportes Coletivos) foi quando o interesse pelo estudo dos esportes coletivos me despertou. Observando as aulas que participava do projeto comecei a me perguntar de que forma poderia compreender se meus alunos estavam entendendo a lógica interna do jogo.

Os esportes coletivos são uma paixão mundial, com isso muitos estudos foram realizados, tentando entender e conhecer mais sobre eles, classificando-os e os identificando-os conforme os elementos atribuídos ao esporte. Essas propostas de classificação dos esportes estudadas por Griffin *et al.* (1997), Bayer (1994), Parlebas (2001) entre outros, nos mostram o handebol como um esporte coletivo de invasão e oposição.

Entrando mais a fundo nos esportes coletivos, começamos a nos indagar sobre uma forma de avaliação do desempenho dos alunos durante o jogo. Uma análise mais simplificada recairia em um olhar exclusivo sobre a técnica de execução do movimento por parte do aluno, porém, ser altamente qualificado na técnica, não garante que o aluno seja um bom jogador e consiga resolver os problemas, como as várias situações de imprevisibilidades surgidas no jogo e que são ressaltadas por Bayer (1994), Garganta (2000) e Grecco (1997).

Agora outras formas de avaliação como TSPA (Team Sports Performance Assessment procedure) proposto por Grehaigne, Godbout e Bouthier (1997 citados por FRAGA e GONZALEZ, 2012) e GPAI (Game Performance Assessment Instrument) de Oslin, Mitchell e Griffin (1998 citados por FRAGA e GONZALEZ, 2012) nos trazem uma outra perspectiva relacionada a esse tema, a avaliação tática. Assim o professor pode analisar as ações tomadas pelos alunos durante o jogo, sem dar relevo exclusivamente à técnica do movimento. Sendo assim é possível ver se o aluno está entendendo a lógica interna do jogo.

Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo analisar o percurso, compartilhado com os alunos, de construção dos processos avaliativos específico do jogo de handebol. É importante dizer que o objetivo é tentar quantificar as ações dos alunos durante o

jogo e analisar os desempenhos, se houve uma melhora ou não e principalmente uma participação maior dos alunos durante o jogo.

O foco deste trabalho é apresentar ao leitor uma das variadas formas possíveis de analisar a melhora do rendimento dos alunos, e tentar mostrar que é possível que eles participem nesse processo se tornando algo prazeroso e efetivo.

No primeiro capítulo trazemos o handebol e sua classificação quanto ao jogo, suas características e aspectos mais importantes, além de trazer alguns métodos de ensino na iniciação esportiva. Já no capítulo 2 o foco recaiu sobre a avaliação dos jogos esportivos coletivos, apresentamos alguns métodos conhecidos de avaliação mais focados na tática do que na técnica. O percurso metodológico é apresentado no capítulo 3. No capítulo 4 os resultados e análise do trabalho apontaram para alguns pontos relevantes, como: a maioria dos alunos apresentou uma melhora no desempenho dos jogos na análise dos vídeos e quantificação das ações, mas a principal melhora foi na parte comportamental dos alunos, que passaram a participar mais do jogo e a reclamar menos uns com os outros, algo constatado pelos próprios alunos nas entrevistas feita com eles. Por fim apresentamos as considerações finais apontando que a avaliação da lógica interna do jogo de handebol ainda é um recurso pouco utilizado por muitos professores de educação física, por diferentes motivos. Ainda assim, acentuamos que tal recurso pode trazer inúmeros benefícios ao professor, em especial no processo de identificação da aprendizagem do jogo por parte do aluno, bem como no âmbito do ensino, ao possibilitar que o professor se autoavalie, reflita sobre sua intervenção e identifique se os objetivos estabelecidos estão sendo alcançados com seus alunos.

CAPÍTULO 1

O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS: O CASO DO HANDEBOL

O esporte sempre esteve presente em minha vida, em especial o handebol, comecei praticando na escola no ensino fundamental (5ª série ou 6º ano) e continuo praticando até os dias de hoje, já na graduação comecei a participar do projeto de extensão “ensinando e aprendendo handebol” na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", ao mesmo tempo entrei no NEPATEC (núcleo de estudos e pesquisas das abordagens táticas nos esportes coletivos) foi quando o interesse pelo estudo dos esportes coletivos despertou interesse maior, observando as aulas que participava do projeto comecei a me perguntar de que forma poderia compreender se meus alunos estavam entendendo a lógica interna do jogo.

O handebol é um esporte coletivo de invasão, existem algumas metodologias para o ensino dos esportes coletivos, que são trabalhados em inúmeras escolas brasileiras, porém um dos maiores desafios dos professores é saber se seus alunos realmente aprenderam a prática esportiva, um meio eficaz de saber se os alunos entenderam a dinâmica do jogo é a avaliação, que existem de várias formas (MATIAS e GRECO, 2010).

O handebol é um esporte coletivo de invasão e oposição, sua criação é atribuída ao professor alemão Karl Schelenzs, em 1919. Foi praticado em campo de futebol com onze jogadores em cada equipe e depois os suecos oficializaram o handebol de salão com sete pessoas de cada lado e que é praticado até os dias de hoje. (GONZÁLEZ *et al.*, 2014).

É um jogo esportivo coletivo que tem a participação do adversário nas ações. Estas são muitas e se sucedem no jogo com grande velocidade. A pressão do adversário faz com que os jogadores tenham que decidir rapidamente em situações de alta complexidade, sendo por isso muito emocionante. (FERREIRA *et al.*, 2001).

O esporte tem sido um conteúdo mais frequente nas aulas de Educação Física nas escolas. Porém, práticas como a da seleção dos mais habilidosos ou a aplicação recreativa do esporte apenas, têm feito com que o processo de desenvolvimento das aulas passasse a ser confundido com o que alguns autores denominam a prática de “dar a bola” ou “rola bola”. (PERIM *et al.*, 2013).

Outro aspecto importante do handebol citado por Bayer, Garganta, Grecco entre outros autores é o fato de ser um esporte de imprevisibilidade, onde as ações tomadas pelos

alunos/jogadores têm total influência no resultado e dinâmica do jogo, é preciso que o aluno saiba o que fazer, quando fazer e como fazer. Os processos cognitivos são fundamentais na performance nos Jogos Esportivos Coletivos, devido à elevada imprevisibilidade, aleatoriedade e variabilidade que compõem o contexto ambiental destas modalidades desportivas (ALLARD e BURNETT, 1985; THOMAS e THOMAS, 1994; WILLIAMS, 2002A, 2002B; GARGANTA, 2006; GRECO, 2006A, MATIAS 2010).

Os acontecimentos do jogo nunca ocorrem necessariamente na mesma ordem ou da mesma forma, isso faz com que atitudes tático-estratégicas sejam requeridas ao jogador (GARGANTA, 2000).

Handebol é um esporte complexo, cujo desempenho pode ser influenciado por vários fatores. Podemos distinguir duas linhas de pesquisa relacionadas com o conhecimento do jogo: em primeiro lugar, focado na análise do produto para os resultados (quantitativo), e, por outro lado, com foco em análise de processos (qualitativa). (SIERRA-GUZMÁN *ET AL.*, 2015).

O estudo do comportamento tático no jogo é fundamental para poder fazer a elaboração do processo ensino-aprendizagem-treinamento que levam a formação do jogador inteligente. As atividades esportivas podem contribuir para um desenvolvimento bio-psicosocial harmonioso da criança e do adolescente nos diferentes períodos etários (GRECO, 1995).

O ensino dos jogos coletivos esportivizados pode ocorrer de diversas formas, mas tradicionalmente acontecem por meio de dois métodos, o analítico e o global (RICCI *et al.*, 2011).

Um dos elementos essenciais para alcançar esse processo ensino-aprendizagem adequado para o jovem atleta é ser motivado pela satisfação. (GARCÍA-ÂNGULO *et al.*, 2014).

O esporte no ambiente escolar deve suscitar discussões e possibilitar ao aluno a vivência de outras manifestações deste, contanto que sejam adequadas ao ambiente. (PERIN, *et al.*, 2013).

O processo de aquisição de uma habilidade motora tem sido tradicionalmente definido como um processo interno que traz mudanças relativamente estáveis nas capacidades de movimento do aprendiz e que pode ocorrer de forma implícita ou explícita. (LOPES *et al.*, 2013).

Tal fato indica a necessidade de se estudar como as crianças estão sendo iniciadas, bem como se a forma utilizada é correta e coerente com suas condições, características e

necessidades, correspondendo ou não ao seu estágio de desenvolvimento. (ARENA; BOHME, 2000).

O método analítico tem como apoio a teoria associacionista, que preconiza que uma destreza motora deve ser ensinada em partes para depois uni-las, partindo da prerrogativa de que as partes são aprendidas de acordo com algum critério ou um número fixo de ensaios isolados, sendo que podem ser apresentados aos alunos vários segmentos do todo, porém sempre de forma progressiva. (RICCI *et al.*, 2011).

Os processos cognitivos inseridos no handebol sugerem um processo de ensino-aprendizagem-treinamento que qualifique também respostas de treinadores e atletas, perante as exigências do jogo. Protocolos têm sido desenvolvidos para que se possa identificar o nível de conhecimento tático declarativo desses indivíduos os quais são geralmente validados pela análise de peritos (treinadores) da área em questão. (LEAO *et al.*, 2013).

Esse método apresenta como vantagem uma rápida melhora da técnica, o que gera certo grau de motivação por parte do aluno; é também um método de fácil assimilação dos conteúdos técnicos do esporte, porém tem como desvantagem a mecanização das ações dos jogadores, já que considera que o jogo é apenas uma soma de suas partes, fazendo com que o aluno sempre se confronte com situações-problema de uma mesma forma, sempre agindo da mesma forma em situações que podem ou devem ser resolvidas de outro jeito, normalmente em situação estática e predeterminada (GRECO, 2000).

Já o método global se fundamenta na percepção dos estímulos não como uma soma das partes, mas sim como um conjunto organizado, no qual são elaboradas simplificações das situações reais do jogo – muito próximas do jogo formal, em que a dificuldade é adequada aos praticantes –, como campo de jogo e tamanho dos alvos, e é progressiva, até que se chegue ao jogo formal (GRECO, 2000).

Trazer o esporte as preferências das crianças faz com que seu nível de competência motora melhore, e que, ao tentar satisfazê-las, é conseguida maior adesão na prática. (GARCÍA-ÂNGULO *et al.*, 2014).

Em contraposição a esses, há outras formas de ensino dos jogos coletivos esportivos que se baseiam no princípio tático do jogo e se utilizam dos jogos situacionais e reduzidos. Que consiste em que o aluno não aprenda somente a execução da técnica, mas foca em fazer o aluno entender a dinâmica do jogo e quais atitudes tomar conforme as diversas situações do jogo impostas ao sujeito (RICCI *et al.*, 2011).

No método situacional sempre são consideradas várias soluções para cada situação-problema, existem possibilidades de escolha de uma solução mais adequada (correta), menos

adequada (aceitável) e a escolha indesejada (errada) de situações inadequadas para os problemas de jogo que surgem. Uma das críticas inconsistentes a esse método é a necessidade de um maior tempo para que os aprendizes atinjam um alto nível de rendimento esportivo e de melhora técnica. (RICCI *et al.*, 2011).

Contudo, é necessário salientar que na fase de orientação (iniciação esportiva) o objetivo principal é que os aprendizes adquiram conhecimentos (meios) para se tornarem jogadores inteligentes; quer dizer, que eles sejam capazes (na fase de aproximação e alto nível) de apresentar variadas respostas às imprevisibilidades dos jogos esportivos. Espera-se que nessa fase do sistema de formação esportiva eles não tenham suas ações (respostas) mecanizadas para uma determinada situação de jogo, como é mais provável de ocorrer com atletas que tiveram seu ensino-aprendizagem-treinamento com o método analítico (RICCI *et al.*, 2011).

Segundo Garganta et al. (1995) os indicadores e fatores da qualidade do jogo, são:

- ✓ Indicadores do jogo de nível fraco:
 - aglutinação em torno da bola (jogo anárquico)
 - individualismo
 - não buscar espaços para facilitar a recepção de um passe
 - não defender
 - verbalização excessiva
 - desrespeito às decisões da arbitragem
- ✓ Fatores de desenvolvimento de um bom jogo:
 - passar a bola
 - afastar-se do colega que possui a bola (jogo elaborado)
 - buscar espaços para recepção da bola
 - intencionalidade (leitura do jogo)
 - ação após passe (movimentação para restabelecimento de linha de passe)
 - aclaramento (afastar-se do possuidor da bola e ocupar seu espaço)
 - foco no objetivo do jogo (gol)

Com base nesses indicadores, foram estabelecidas, também por Garganta (1995), as fases de desenvolvimento do jogo:

Jogo Anárquico: foco excessivo na bola e aglutinação em torno desta; problemas na compreensão do jogo; abuso da verbalização; elevada utilização da visão central.

Descentração: a função não depende exclusivamente da posição da bola; prevalência da verbalização; ocupação de espaço em função dos elementos do jogo; transição da visão central para periférica.

Estruturação: conscientização da coordenação das funções; verbalização e surgimento da comunicação gestual; ocupação racional do espaço; passagem do controle visual para o proprioceptivo.

Elaboração: ações inseridas na estratégia da equipe; comunicação motora; polivalência funcional e coordenação das ações táticas; otimização de capacidades proprioceptivas.

Ou seja, é de extremo interesse que o aluno saiba o que fazer perante as imprevisibilidades apresentadas pelas situações do jogo coletivo, não importando sua habilidade técnica utilizada, contanto que esse seja eficaz em relação ao alcance do objetivo proposto, e que resolva os problemas impostos pelo jogo, ou ao menos que saiba qual a melhor opção a ser tomada naquele momento. (RICCI *et al.*, 2011).

Segundo Graça (1995), é essencial que os aprendizes dominem “o quê, quando e o porquê” dentro do jogo, concernentes às habilidades abertas, que consistem na capacidade de responder a um problema que pode ter mais de uma solução correta, não apenas uma única forma exata de execução, e não que dominem inicialmente o “como” que se relaciona às habilidades fechadas, que são as técnicas rígidas de execução de fundamentos do jogo. É óbvio que o domínio desses “como” influenciará na realização das habilidades abertas, contudo deve ser considerado que o aprendiz já detenha habilidades motoras e que uma operacionalização destas seja secundária se comparada à necessidade de conhecer como se portar inteligentemente nos jogos esportivos coletivos.

Segundo Garganta (2000, p. 51), “a tática é entendida como algo que se refere à forma como os jogadores e as equipes gerem os momentos do jogo”. O objetivo da aprendizagem tática, segundo Greco (1997), é que o aluno aprenda a tomar decisões e resolver problemas que ocorrem durante o processo. O processo da tomada de decisão é caracterizado pela capacidade de resolver com sucesso as tarefas ou problemas que as atividades apresentam (GRECO, 2000).

Entretanto, mesmo com este conhecimento sobre os métodos de ensino, o professor acaba encontrando a dificuldade de avaliar seu aluno, fica a questão: como saber se o aluno está entendendo as ações que ele deve tomar diante das diversas situações de jogo? Segundo Gonzalez e Bracht (2012) essa indagação rompe com uma ideia bastante presente ainda na Educação Física, aquela em que avaliar as habilidades de jogo de forma isolada nos permite

conhecer quanto o aluno sabe sobre uma determinada modalidade. Ao contrário disso, saber jogar, nessa perspectiva, não se resume a “como fazer”, inclui, necessariamente, “o que e quando fazer” e, portanto, a avaliação não pode deixar de considerar essas dimensões.

CAPÍTULO 2

A AVALIAÇÃO DOS ESPORTES COLETIVOS: O CASO DO HANDEBOL

Entendemos, particularmente, a importância de, nas etapas de iniciação a um esporte coletivo com interação, ser avaliado o desempenho tático nos quatro sub papéis (atacante com posse de bola ACPB, atacante sem posse de bola ASPB, defensor do atacante com posse de bola e defensor do atacante sem posse da bola) e, no contexto de uso, também a eficácia dos movimentos. (GONZALEZ e BRACHT, 2012).

Avaliação tem diferentes propósitos e, como tal, é um processo de fluxo constante. Durante uma aula, o professor “passa lendo” o desempenho dos alunos nas tarefas propostas, com o intuito de aferir em que dimensão ele está compreendendo o jogo, fazendo da avaliação uma tarefa permanente. Em geral, esse processo é denominado avaliação formativa (GONZALEZ e BRACHT, 2012).

Outra avaliação é a de “diagnóstico”, trata-se de uma avaliação inicial com a qual se busca distinguir quais são os conhecimentos prévios dos alunos sobre o que se pretende ensinar e, simultaneamente, suas maiores dificuldades para dar conta das exigências do jogo. Esse momento é essencial, já que permite tomar decisões fundamentadas sobre quais conteúdos priorizar em função das características do grupo e de seus membros (GONZALEZ e BRACHT, 2012).

As avaliações somativas são usualmente as que ocorrem no final de algum período. Geralmente são as que ganham mais destaque, pois são vinculadas à “nota” e à “aprovação/desaprovação” da disciplina, no entanto, com frequência, não são as mais importantes no processo de ensino (GONZALEZ e BRACHT, 2012).

Como parte dos processos de avaliação, além do professor avaliando aluno, há outras possibilidades de aferir o conhecimento, como a auto avaliação e a co avaliação. No caso dos esportes coletivos com interação, a co avaliação ganha destaque, pelo auxílio que os alunos podem prestar para o professor perceber melhor o que está acontecendo em relação à aprendizagem. Além disso, ensinar aos alunos a avaliação da presença ou ausência de uma intenção de jogo no comportamento tático de um colega ajuda muito em suas próprias aprendizagens como jogador ver o colega jogando ajuda o aluno a detectar pontos positivos e

negativos e a se corrigir quando esse assumir o papel de jogador. (GONZALEZ e BRACHT, 2012).

Existem muitos processos avaliativos dos esportes coletivos, TSPA (Team sports performance assessment procedure) proposto por Grehaigne, Godbout e Bouthier (1997 citados por FRAGA e GONZALEZ, 2012) e GPAI (game performance assessment instrument) Oslin, Mitchell e Griffin (1998, citados por FRAGA e GONZALEZ, 2012) são dois instrumentos que visam a análise da tática sem contar a técnica. Os dois métodos têm como base anotar as ações táticas durante o jogo quem está assistindo anota sobre o jogo dos colegas, esse método beneficia quem está anotando, pois pode observar se os colegas estão indo ao ataque, se estão finalizando muitas vezes, se estão fazendo gol ou se estão errando muitos arremessos, e beneficia os alunos observados, pois após a partida eles podem ver os dados anotados e quantificados.

TSPA mostra que primeiro deve-se fazer uma avaliação coletiva da equipe, quantificar o número de vezes que a equipe consegue a posse de bola, número de finalizações e de finalizações com êxito (gol). Para análise os jogos devem ser realizados com equipes equilibradas, então o professor pode comparar o nível do jogo inicial em relação a jogos realizados durante o decorrer das aulas, se a finalização e a posse de bola aumentaram gradativamente, a relação de finalizações e êxitos aumentou, e com o tempo outras informações podem ser inseridas conforme o nível de conhecimento dos alunos.

Depois que os alunos ganharem confiança no registro por equipe, eles ainda podem fazer observações individuais. Richard (2010, citado por FRAGA e GONZALEZ, 2012) comenta experiências realizadas com modificações ao método TSPA, onde ele reduz o número de aspectos, por exemplo, a posse de bola, TSPA original nos traz a posse de bola como bola recebida (BR) posse de bola que resulta de passe de colega de equipe e bola conquistada/ recuperada (BC) posse de bola que resulta da interceptação de passe entre adversários, roubada de bola, controle da bola após uma finalização mal sucedida do adversário ou rebote ofensivo. Richard acaba tornando a posse de bola como um único aspecto, pois o discernimento entre passe e recuperação de bola é um conceito que não se ensina nas etapas iniciais, além disso, as crianças se saem melhor no registro da posse de bola do que na discriminação de como a posse foi conquistada (por meio de passe ou retomada).

Outras modificações são possíveis, de acordo com os objetivos do professor.

Uma das desvantagens desse método é que não avalia as ações defensivas, logo não oferece informações sobre metade dos sub papéis que devem ser ensinados (defensor do atacante com posse de bola e defensor do atacante sem posse de bola) a roubada de bola pode

ajudar, mas é insuficiente para dar informações relevantes sobre o comportamento dos alunos no que se refere aos princípios defensivos do jogo. Outra dificuldade do TSPA é que não discrimina a origem da dificuldade da ação, se o aluno erra por tomar a atitude errada ou se erra por falta de técnica.

O GPAI (Game Performance Assessment Instrument) é uma ferramenta de avaliação aprimorada por um grupo de professores norte-americanos, com o propósito de oferecer um instrumento útil e confiável para aferir o desempenho de jogo dos alunos, nele o professor pode usar para avaliar seus alunos em vários esportes coletivos de invasão e também em esportes individuais. Ele permite registrar a atuação nos diferentes sub papéis, como também as distintas intenções técnico táticas. Além disso, prevê registros sobre a eficiência técnica do aluno quando se desempenha como atacante com posse de bola, ou seja, é um método avaliativo bem elaborado. Entre as principais vantagens apontadas para este instrumento, Mendez (2006) destaca versatilidade, adaptabilidade, inclusão, confiabilidade e amplitude. Versatilidade pelo fato de poder usar em diversos jogos/ esportes, a adaptabilidade, que é uma de suas características mais importante, permite que a ferramenta possa ser ajustada conforme a necessidade da aula ou do que o professor quer avaliar. Porém uma de suas dificuldades é a dificuldade de captar em um jogo ao vivo as informações necessárias para uma avaliação consistente, é necessário que para começar a fazer as avaliações o professor reduza o número de itens a serem observados, e mesmo assim no começo pode ser que os alunos não consigam registrar tudo com cem por cento de certeza. Outro problema é que nem sempre é possível interpretar com clareza a tomada de decisão que gerou a ação realizada, por exemplo, deixar de realizar uma determinada jogada, mesmo sendo a mais conveniente no momento, pode não ser falta de conhecimento sobre a opção mais vantajosa, mas resultado das exigências que o próprio jogo impõe ao aluno (velocidade de raciocínio, pressão da marcação etc.).

Segundo Garganta (2001), a análise da performance nos JEC's (Jogos Esportivos Coletivos) possibilita: a) identificar integrações entre jogadores e equipes e modelá-las; b) identificar atividades que se correlacionam com a obtenção de resultados positivos; c) manipular e recriar constantemente os processos de treinamento para que estes sejam mais específicos; e d) apontar possíveis evoluções esportivas em cada modalidade.

Santos (2004) desenvolveu um estudo que, pela observação e análise de equipes de handebol de alto nível de rendimento (finalistas de Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos), possibilitou descrever padrões de organização tática dessas equipes a partir de categorias e indicadores de sucesso dos jogadores e suas eficácias nas diferentes condições do jogo.

Essas análises de jogo devem (ou deveriam) ser capazes de identificar o maior número possível de variáveis relevantes nos sistemas adotados para cada uma das etapas do jogo e no sequenciamento de procedimentos dos jogadores, permitindo que fatores passíveis de imprevisibilidade do jogo sejam corretamente analisados, arquivados e transcritos para as situações do treinamento. Dessa forma seria possível avaliar o panorama tático coletivo das equipes, permitindo a intervenção do treinador no método de ensino de cada equipe, na seleção e ajuste de seus sistemas ofensivos e defensivos, e também na ênfase dada a alguns meios táticos executados isoladamente ao contexto do jogo (SANTOS, 2004).

Entendemos que um modelo de análise de jogo deve ter uma estreita relação com os treinamentos da equipe avaliada, tanto em relação à sua gênese quanto à sua aplicação. A gênese da análise de jogo deve ser pautada em fatores como a categoria da equipe a ser analisada (a partir das divisões por idades estipuladas pelo regulamento), no seu nível competitivo (iniciantes, amadores, profissionais...) e, principalmente, na coerência com o trabalho técnico-tático que o treinador desenvolve com seus jogadores. Ou seja, de acordo com a metodologia adotada por um treinador a análise de jogo poderá apresentar uma conotação mais voltada aos parâmetros técnicos ou táticos (MENEZES e REIS, 2010).

Hughes & Bartlett (2002) reportam sobre a utilização da análise de jogo em conjunto com as análises de vídeos, como ferramentas que visam aumentar a performance esportiva, seja ela nos esportes coletivos ou nos individuais. Essas análises, segundo os autores, podem ser utilizadas comparativamente entre os jogadores de uma mesma equipe, entre oponentes ou entre equipes. A partir dos resultados fornecidos por esse tipo de rotina podem ser identificados parâmetros de referência (positiva ou negativa) de rendimento de seus jogadores (individualmente) ou de conjuntos de jogadores (tática grupal e coletiva). Prudente *et al.* (2004, p. 50) entendem a análise de jogo como um “estudo do jogo a partir da observação da atividade dos jogadores e das equipes”.

Com o avanço das tecnologias outras formas de avaliação são criadas, no futebol muito se investe nesses tipos de avaliação, o MEMOBSER (DOUCET, 1986), permite registrar e memorizar informações sobre três aspectos fundamentais do jogo: (1) ocupação de espaço; (2) circulação da bola; (3) recuperação ou perda da bola; o *SAGE - Sport Analysis and Game Evolution* (LUHTANEN, 1996), que analisa os comportamentos dos jogadores ou da equipe, como passes, controle e condução de bola, interceptação, tempo de posse de bola e fragmentos do jogo; e o *FARM – Football Athletics Results Manager* (BACCONI; MARELLA, 1995), desenvolvido e utilizado por um grupo de pesquisadores ligados à

Federação Italiana de Futebol para catalogar, cruzar e elaborar informações técnicas e táticas para os treinadores em tempo real de jogo.

Basicamente, todos esses sistemas informatizados de observação e análise de jogo procuram responder às seguintes questões sobre as ações no jogo: quem executa a ação? Qual ação é realizada? Como a ação é realizada? Que tipo de ação é realizado? Onde a ação se realiza? Quando a ação se realiza? Qual é o resultado da ação? (COSTA *et al.*; 2010).

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA MATERIAL E MÉTODOS

O estudo se orientou pela pesquisa qualitativa que, segundo OLIVEIRA (2008), leva em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive continuamente. Ainda afirma que o ser humano é diferente dos objetos, por isso o seu estudo necessita de uma metodologia que considere essas diferenças. Nesse posicionamento teórico, a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas (LUDKE e ANDRE, 1986), caracterizando o estudo em pauta como descritivo-interpretativo.

As técnicas de coleta utilizadas foram: observação dos jogos de handebol realizados durante as aulas e registrados em vídeo pelo pesquisador e entrevistas com os alunos da escola que participam das aulas.

Segundo Gold, citado por Cowie (2009, p.167), há quatro tipos de observador: participante completo, participante observador, observador participante e observador completo. O participante observador é mais comum deles. É o caso do investigador que faz parte do grupo a ser estudado, também uma característica do estudo em questão.

A entrevista também é uma grande ferramenta de coleta de dados e geralmente acompanha a observação seja no estudo de caso, na pesquisa ação, ou mesmo na etnografia. Ela é classificada em três tipos:

- Entrevista estruturada - coleta de dados mais controlada. São questões precisamente formuladas. São longas listas de questões exatas.

- Entrevista aberta - quando as questões não são pré-determinadas. Assemelha-se mais a uma conversa. Nem sempre reflete a realidade, mas uma visão dele. As vantagens é que permite coletar algo sem a devida intenção do entrevistado, seus deslizes. As dificuldades estão em não possuírem uma imagem fiel e dificultar a comparação com outros dados.

- Entrevista semiestruturada - são apresentados tópicos, ao invés de questões fechadas e permitem respostas subjetivas, sem perder o quantitativo. É considerada a melhor forma por se utilizar das duas anteriores. O entrevistador segue um guia de questões, mas deve estar preparado para caso a entrevista mude de caminho. Este modelo de entrevista irá orientar o estudo que ora se apresenta.

Desde o ano de 2003 tem sido desenvolvido o projeto de Extensão: “Ensinando e Aprendendo o Handebol”, projeto este ministrado pelos graduandos em Educação Física da UNESP de Bauru com a supervisão da Professora Lilian Aparecida Ferreira, tendo por objetivo democratizar e ensinar a prática esportiva do handebol para crianças e adolescentes. O foco do projeto se assenta na dimensão educativa visando possibilitar a vivência da modalidade como um todo, relacionando a aprendizagem com a realidade dos alunos, especialmente no âmbito do lazer. A prioridade está na formação humana com o intuito de oferecer uma vivência social crítica tanto para os alunos participantes quanto para os graduandos que experienciam e aprendem sobre a ação docente. Ao longo destes anos de projeto o retorno foi bem positivo com resultados extremamente otimistas diante do ponto de vista dos objetivos visados pelo mesmo. A partir destes resultados obtidos no projeto na Praça de Esportes da UNESP de Bauru o projeto de extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol” acabou por ganhar mais dois polos entre os anos de 2005 e 2011.

Um desses polos é onde tal investigação foi realizada, em uma escola municipal da cidade de Bauru, frequentada por alunos de classe média baixa, que moram nas proximidades da escola. As aulas de handebol acontecem no horário contrário ao das aulas curriculares, na quadra da escola as quartas-feiras das 17h30 às 18h30 para alunos do 6º e 7º anos com idade entre 11 a 13 e das 18h30 às 19h30 para alunos do 8º e 9º anos entre 14 e 16 anos, os materiais usados são da escola e também doações do time da cidade de Bauru, tem como objetivo ampliar as possibilidades de prática esportiva entre os alunos da referida instituição. O handebol é um esporte que já está inserido na cultura da escola, pois as aulas são desenvolvidas na instituição há 10 anos.

Com o decorrer do tempo percebe-se que avaliação é algo complexo a se fazer na educação física, como já citado existem muitos autores que estudam meios de avaliação (Garganata, Greco, Bayer *et.al.*), nas aulas de handebol não foi diferente, uma forma eficaz de se fazer foi por meio de vídeo, citado por Hughes & Bartlett (2002), para essa análise os alunos foram divididos em equipes onde jogavam três na linha e um no gol, e realizava um jogo normal de handebol na quadra inteira durante cinco minutos a ser gravado, dentre os aspectos positivos da realização do vídeo podemos enaltecer a facilidade de observação do jogo e repetição dos momentos, o professor pode observar várias vezes o jogo e as movimentações dos alunos e suas tomadas de decisões, assim pode perceber com mais facilidade se o aluno está se movimentando com mais objetividade durante o jogo, se está passando a bola para quem realmente está livre entre muitos outros aspectos do jogo. Vale a pena salientar que cada turma tem suas individualidades, suas dificuldades e facilidades,

sendo assim o professor pode analisar uma gama de ações e objetivos do jogo, moldando sua avaliação de acordo com os objetivos que ele traçar para o aprendizado de seus alunos, como foi feito em avaliações baseadas por GPAI.

Além disso, o vídeo permite ao professor ter mais clareza da participação dos alunos, analisando os vídeos consegue-se analisar quantas vezes o aluno rela na bola por exemplo, é claro que durante as aulas é possível perceber se o aluno jogou bastante ou não, mas com o vídeo consegue-se quantificar exatamente quem participou bastante e quem não conseguiu arremessar no gol nem uma vez, acaba tendo uma exatidão maior da participação de todos os alunos durante o jogo, e que no momento da aula pode passar despercebido pelo professor.

Já um aspecto negativo do vídeo é a demanda de tempo, pois é demorado o processo de análise do jogo e de aluno por aluno. Algo que deve ficar claro é que não é necessário fazer um vídeo por aula, mas sim um a cada certo tempo de intervenção do professor ou treinador, neste trabalho foram feitos dois vídeos, um no começo da intervenção em agosto, como forma de avaliação diagnóstico (GONZALEZ e BRACHT, 2012) e um três meses depois, no final de outubro, o professor pode escolher quando fazer, o recomendado é fazer um no primeiro dia quando começar a intervenção ou as aulas, treinos etc. e um após um tempo considerável, pode ser três meses, seis meses ou até um ano após o começo das aulas.

Outro ponto negativo de se analisar os alunos individualmente por meio do vídeo é que por ser um jogo coletivo o aluno pode responder de diferentes formas conforme mudam os participantes, assim como dito por Garganta os acontecimentos do jogo nunca ocorrem necessariamente na mesma ordem ou da mesma forma, primeiro de tudo como mostrado em TSAP é necessário que as duas equipes tenham um nível parecido de conhecimento técnico, tático e motor, para que haja um equilíbrio durante o jogo, o ideal seria filmar o jogo com as mesmas pessoas no início e no fim da intervenção, mas para realização desse trabalho isso não foi possível, pois durante o processo entraram alunos novos e saíram alguns alunos.

As aulas aconteciam uma vez por semana durante uma hora, nas aulas realizávamos atividades técnicas e táticas e no final sempre ocorria um jogo com o número de participantes reduzido, mas com as regras normais do jogo de handebol. O processo se iniciou em agosto, quando os alunos voltaram das férias de julho, mas as aulas ocorriam desde o começo do ano, a primeira aula foi uma aula diagnóstico com estafetas e brincadeiras voltadas para o handebol, no final da aula foi realizado jogo 3x3 (três contra três) mais o goleiro, usando a quadra inteira, esse jogo foi filmado para análise e comparado com o outro vídeo realizado três meses depois.

Após a primeira aula os objetivos foram traçados, eles foram divididos em: objetivos físicos (Força (empunhadura), Saltos, Agachar e levantar, corrida rápida.), técnicos individuais (Passe (Curto e longo, quicado), Recepção (Alta, média e baixa). Arremesso (em suspensão). Finta (passe e corpo). Drible (Variações). Defesa - Bloqueios e deslocamentos.), táticos (Lógica do jogo(o que é ataque - o que eu faço quando eu estou com a bola? E sem bola), o que é defesa(como eu marco quem esta com bola? E sem bola?)) Focar no ASPB e desenvolver o contra ataque.) e atitudinais ou psicológicos (desenvolver a liderança positiva, desenvolver superação, comprometimento e trabalho em equipe. (Feedback para alunos isoladamente)).

Após definir os objetivos as aulas foram montadas misturando brincadeiras, atividades mais técnicas e atividades situacionais, em cada aula tinham de 3 a 4 atividades contando com o jogo no final de cada aula, foram no total treze aulas, dessas uma foi aula teórica, onde passei vídeos de handebol profissional, adaptado, handbeach e crianças europeias jogando.

As atividades passadas para os alunos foram: **Chifrobol (chifre):** divide os alunos em duas equipes, uma de cada lado da quadra de vôlei colocam algumas bolas no meio da quadra, os alunos devem arremessar bolas de borracha nas bolas de handebol que estão no meio da quadra e fazer ela atravessar a quadra do adversário, para evitar que a bola atravesse a quadra o aluno pode arremessar a bola de borracha na de handebol ou tirar com a cabeça. **Estafeta com bola:** formam duas fileiras e os alunos devem ir passando a bola ate o ultimo quando ele pegar a bola deve correr para frente e começa tudo de novo. **Guerra de empunhadura:** os alunos ficam em duplas com uma bola, eles devem segurar a bola com uma mão e tentar tirar ela do companheiro, pontua quem continuar com a bola, eles podem ir alternando as mãos e depois alternar as duplas. **Mão da rua com bola:** os alunos ficam na lateral da quadra e devem atravessar de um lado para o outro, um aluno fica de pegador no centro da quadra quem for pego ajuda o pegador, com bola os alunos devem atravessar a quadra batendo ela no chão (driblando) e o pegador deve roubar a bola para que a pessoa vire pegador também. **Passe em duplas:** os alunos devem passar a bola um para o outro, o professor vai colocando as variações e desafios. **Corrida de revezamento:** formam duas fileiras (equipes) e colocam alguns bambolês na reta de cada fileira, o primeiro aluno deve correr com a bola e colocar no 1 bambolê, volta e bate na Mão do segundo que deve pegar a bola e transportar para o 2 bambolê e assim ate a bola ir ate o ultimo bambolê e voltar para o primeiro. **Pega pega drible:** os alunos ficam com bola driblando pela quadra(andando pingando a bola no chão) e o pegador fica sem bola, ele deve roubar a bola de alguém ao roubar a pessoa que perdeu a bola vira pegador o jogo acaba a hora que todos estiverem sem bola ps. O pegador quando

roubar a bola não vira fugitivo. **Dogball:** divide em duas equipes como se fosse um jogo de queima cada equipe no fundo de sua área da quadra, coloca algumas bolas no centro aonde divide cada área ao som do apito eles devem vir até o meio da quadra pegar a bola e devem queimar a equipe adversária quem for queimado sai do jogo, mas se alguém da equipe segurar a bola uma pessoa que foi queimada retorna ao jogo, ganha a equipe que conseguir queimar todos da outra equipe. **Base 4:** é uma espécie de baseball, divide em duas equipes, uma equipe fica espalhada na quadra (defesa) a outra fica em fila na 1 base (que seria os escanteios da quadra as 4 bases) um aluno da equipe defesa joga a bola na direção do adversário, este deve chutar a bola em qualquer direção da quadra, assim que chutar ele deve tentar chegar na outra base, a defesa deve pegar a bola chutada e leva-la no cesto ou arco ou sacola etc. que irá ficar no centro da quadra, se colocar a bola lá e o atacante não estiver em uma das bases ele está eliminado, se parar em uma das bases o próximo do ataque chuta a bola e assim por diante até que todos do ataque chutem, a equipe pontua quando um atacante atravessar as 4 bases, depois as equipes trocam de posição, ganha quem fizer mais pontos (tiver mais jogadores que atravessaram as bases). **Situacionais: 1x1, 2x1, 2x2, 3x2 e 3x3:** atividades situacionais de jogo, atacante contra defensor, ex. 2x1, dois atacantes contra 1 defensor, existem diversas variações a mais usada saindo do fundo da quadra, pode ser saindo do meio da quadra também. (essas foram as mais realizadas nas aulas), o (s) aluno(s) deve fazer o gol. **Atividades de passe:** em duplas um em cada canto da quadra realizando passes entre eles, alternando passe quicado passe com ou sem salto, outra variação com movimentação saindo de trás do gol a dupla vai passando entre ela a bola e atravessando a quadra. **Atividade de passe fileiras:** formam duas fileiras uma de cada lado da quadra lateralmente, realiza o passe e vai para o final da fila, variação realiza o passe e vai para o final da outra fila.

Algumas das atividades foram repetidas durante as aulas, mas sempre evitando deixar uma aula muito parecida com a outra, ainda assim, algumas dessas atividades têm uma gama de variações o que foi feito conforme o grau de dificuldade e de melhora do desempenho dos alunos, começava com as atividades mais simples e depois aumentava sua complexidade (do fácil para o difícil), assim como foi dito por Greco e Ricci *et.al.* (2011)

O número de alunos oscilou durante o período das aulas em média 14 alunos por aula com cerca de 11 a 13 anos, durante 3 meses num total de 13 aulas.

A avaliação foi feita com 5 alunos que participaram dos dois vídeos, além disso os alunos foram entrevistados pelo pesquisador, nessa entrevista foram feitas quatro perguntas:

- Há quanto tempo você participa das aulas de handebol na escola?
- Pensando em suas aulas, você acha que melhorou em algo? Se sim no que melhorou?

- Em quais aspectos do jogo você acha que pode melhorar?
- Quais são as atividades que você mais gosta no Projeto e por quê?

Essa entrevista ajudou a ver o ponto de vista dos alunos e suas preferências, quais atividades mais os agradavam, além de ajudar a perceber o nível de conhecimento deles sobre o jogo e de autoconhecimento deles mesmos, de suas melhoras e dificuldades.

Já na avaliação dos vídeos o pesquisador analisou os seguintes aspectos técnicos do jogo, apenas quando os alunos estavam no ataque: atacante com posse de bola (ACPB), 1- vezes que esteve com a posse da bola, 2- número de passes realizados, 3- passes certos, 4- arremessos a gol, 5- gols, 6- tentativas de realizar a finta e 7- fintas realizadas, atacante sem posse de bola (ASPB) 1- deslocamento ofensivo, 2- alvo do passe (quando os companheiros de equipe tinham a intenção de passar a bola para ele (a)) e 3- vezes que recepcionava o passe (recebia a bola).

Esses tópicos foram selecionados de acordo com o nível de jogo dos alunos, tentando selecionar as ações mais utilizadas e necessárias durante o momento de ataque no jogo. A defesa não foi contemplada nesta avaliação.

CAPÍTULO 4

ANALISE DOS RESULTADOS

Ao analisar os vídeos e quantificar as ações dos alunos obtive resultados animadores, na maioria dos aspectos analisados houve uma participação maior dos alunos, em alguns casos a participação foi ligeiramente menor, porem mais efetiva, e em poucos casos os alunos tiveram um regresso nas ações do jogo. Os alunos serão representados de A1 a A5, no esquema a seguir analisemos os alunos com relação ao ACPB (atacante com posse de bola):

ACPB	Veze que esteve com a bola	Tentativa de passe	Passes realizado	Arremesso a gol	Gol feito
A1 agosto	11	4	4	5	1
A1 Outubro	11	7	6	4	0
A2 agos.	5	5	4	0	0
A2 Out.	4	4	3	0	0
A3 agos.	7	5	4	2	0
A3 Out.	5	3	3	2	2
A4 agost.	3	1	1	2	1
A4 Out.	7	7	5	0	0
A5 agost.	6	4	3	2	1
A5 out.	4	2	2	2	0

QUADRO 1: comparação do processo de desenvolvimento dos alunos no aspecto ACPB dos vídeos analisados.

Ao analisarmos essa tabela podemos perceber que A1 em agosto esteve com a bola 11 vezes, dessas passou a bola 4 vezes e obteve êxito em todas as vezes que passou, arremessou a gol 5 vezes e fez um gol e outras duas vezes que esteve com a bola ele não realizou nenhuma dessas ações, ele perdeu a bola. No final de outubro esteve com a bola as mesmas 11 vezes, dessa vez passou a bola 7 e obteve sucesso 6 vezes, arremessou 4 vezes no gol e não fez gol. Sua participação nas aulas sempre foi alta, porem antes era mais individualista, começou a passar mais a bola.

A2 continuou com a porcentagem de acerto igual na comparação, mas no primeiro jogo esteve com a bola uma vez a mais.

A3 foi quem obteve a melhor melhora no rendimento, acertando todas as ações que realizou no final dos 3 meses de aula.

A4 teve um aumento muito maior na participação no segundo jogo, em agosto de 3 vezes que esteve com a bola realizou um passe certo e dois arremessos a gol convertendo um deles, no segundo jogo esteve com a bola 7 vezes e passou as 7 vezes acertando 5 passes, porem não arremessou nenhuma vez ao gol.

A5 foi o único que teve um regresso de participação no jogo, no primeiro esteve com a bola 6 vezes realizando 4 passes e acertando 3 deles, e arremessou 2 vezes ao gol convertendo um, e no segundo jogo de 4 vezes com a bola passou duas vezes acertando os dois passes e arremessou a gol 2 vezes e não fez nenhum, ao ver a lista de chamada A5 foi quem mais faltou nas aulas durante as 13 semanas.

Ainda analisando o ACPB analisamos as tentativas de finta e as vezes que o aluno conseguiu fintar o adversário, apenas A1 e A4 realizaram as fintas.

ACPB	Tentativa de finta	Finta realizada
A1 agosto	8	3
A1 outubro	3	3
A4 agosto	1	1
A4 outubro	3	2

Quadro 2: comparação do processo de desenvolvimento do ACPB no período de 3 meses.

Nesse quadro fica evidente o que já foi mencionado a respeito de A1, deixou de ser individualista e passou a trabalhar mais em equipe, além disso obteve êxito nas 3 fintas que tentou no segundo jogo. Já A4 acabou aumentando o numero de fintas, de uma para 3 e obteve êxito em duas.

Com relação ao ASPB (atacante sem posse de bola) assim foram analisados os alunos:

ASPB	Deslocamento ofensivo	Alvo do passe	Recepção do passe
A1 agosto	6	7	7
A1 outubro	6	9	8
A2 agosto	7	5	4
A2 outubro	9	2	0
A3 agosto	5	2	1
A3 outubro	8	3	3
A4 agosto	6	3	3
A4 outubro	8	8	7
A5 agosto	0	2	2
A5 outubro	5	3	1

Quadro 3: comparação do processo de desenvolvimento do ASPB no período de 3 meses.

No deslocamento ofensivo todos os alunos aumentaram sua participação com exceção de A1 que manteve o mesmo numero de vezes nos dois jogos, isso mostra que os alunos entenderam que quando faziam parte do ataque eles deveriam acompanhá-lo e deslocar-se ofensivamente. Nos outros dois tópicos A1 foi alvo dos passes, ou seja, tentaram passar a bola para A1 7 vezes, e ele recepcionou a bola as 7 vezes, no segundo jogo foram 9 vezes e conseguiu ficar com a bola 8.

A2 foi o único que diminuiu nesses tópicos, no primeiro jogo foi alvo do passe 5 vezes e recepcionou 4 e no segundo jogo foi alvo 2 vezes e não recepcionou nenhuma vez a bola.

A3 foi alvo 2 vezes e recepcionou uma vez a bola e depois das 3 vezes que foi alvo recepcionou as 3 vezes.

A4 no primeiro jogo foi alvo do passe 2 vezes e recebeu a bola nas duas, e no segundo foi 3 vezes alvo mas ficou com a bola apenas uma vez.

Desses dados reparei que o fato de ter melhorado a questão de ser alvo do passe deve-se ao maior numero de passes realizados por eles no segundo jogo, mas na recepção A1, A3 e A4 melhoraram nesse quesito e A2 e A5 pioraram.

Dos alunos entrevistados, dois participavam das aulas do projeto há dois anos e os outros três há um ano. Nas entrevistas, foi notável a preferência dos alunos por atividades menos técnicas, atividades com brincadeiras, como por exemplo, a mãe da rua com bola (3) e chifrobol (4), dois alunos citaram que gostam também das atividades situacionais de oposição em superioridade numérica, um fato interessante foi que eles preferem fazer essas atividades com mais colegas do que fazer individualmente conhecido como 1x1. Ao analisar isso pensei que essa preferência surge, pois eles têm uma dificuldade maior em realizar a finta, algo que ficou evidente na análise dos vídeos, pois houve alunos que não chegaram a tentar fintar o adversário.

Com relação ao que eles achavam que tinham melhorado quatro alunos colocaram que melhoraram nos passes, um deles disse que melhorou no passe curto e no passe longo, quatro colocaram que estão arremessando melhor no gol, três melhoraram na defesa e desses dois lembraram que estão melhor jogando também no gol, os cinco disseram que correm mais durante o jogo, eles admitiram que antes ficavam mais parados e não participavam da defesa ou do ataque, um deles disse que melhorou para se desmarcar do defensor e um que melhorou nos contra-ataques.

E quando perguntados no que eles poderiam melhorar três alunos disseram que podem melhorar em tudo que eles falaram que tinham melhorado, desses três dois ainda disseram que precisam melhorar na questão disciplinar, discutir menos com os colegas, e desses dois um disse que ainda podia melhorar na defesa, pois ainda roubava poucas bolas, conseguia apenas atrapalhar o ataque mas não conseguia roubar a bola. Um aluno disse que podia melhorar seu arremesso a gol, pois ele notou que às vezes não saltava antes de arremessar e percebia que quando não saltava não conseguia fazer o gol, e outro aluno disse que precisava melhorar a duas saídas, pois estava cometendo muito essa infração.

O que foi notável positivamente no comportamento dos alunos, é o fato de eles começarem a trabalhar mais em equipe, e ainda alguns alunos participaram mais do jogo e com suas ações mais direcionadas, tinham mais noção do que fazer com a bola nota-se isso

por exemplo em A1 que por duas vezes que esteve com a bola perdeu ela sem realizar nenhuma ação do ACPB. Ainda pensando no ACPB nas tentativas de finta apenas dois alunos tentaram realizar, um fator ruim foi que nenhum outro aluno dos analisados sequer tentou a finta no jogo, porem dos que tentaram, percebe-se que após os 3 meses eles tentaram algumas vezes e com maior eficiência. E com relação ao ASPB, a surpresa foi boa pois os alunos passaram a ser mais vezes o alvo do passe, com isso estão propensos a um numero maior de erros, mas a maioria errou muito pouco a recepção.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os objetivos traçados para esses três meses, considereei que alguns foram alcançados e outros acabaram ficando em segundo plano, talvez pudesse ter diminuído para alguns objetivos principais, assim ficaria mais fácil de focar algumas atitudes nos alunos. Com a análise do vídeo e das entrevistas, o professor consegue enxergar de forma mais clara o que seus alunos estão melhorando, além de saber o que os alunos gostam mais da aula e como eles se enxergam no jogo, além de ver o que os alunos conhecem mais do jogo de handebol, tendo em vista que a maioria dos alunos conhece o handebol apenas na escola, e quase nunca veem o esporte na TV ou em outras mídias.

A avaliação também ajuda o professor a se auto-avaliar, ver dificuldades que ele tem em passar o conhecimento para os alunos, e conseguir focar melhor os objetivos que ele quer que seus alunos alcancem.

Pensando nos aspectos escolhidos para a avaliação feita neste trabalho uma das modificações que pode ser feita é com relação ao ASPB (atacante sem posse de bola) na parte de deslocamento ofensivo. Ao invés disso, o professor pode avaliar o deslocamento para opção de passe, ou seja, quando o aluno se desmarca, ou aparece para receber a bola, acaba sendo um fator mais importante do que apenas se deslocar ofensivamente, afinal o aluno pode deslocar ofensivamente, mas estar marcado e nem participar do ataque, já se analisarmos se o aluno se desmarca para receber a bola, podemos ter uma ideia melhor de quem já está atingindo um grau maior de conhecimento do jogo e uma participação mais efetiva.

Assim como feito em GPAI podemos também pedir para que os alunos avaliem os colegas, neste trabalho isso não foi possível, pois é necessário que os alunos tenham uma certa prática de análise o que poderia ocasionar em erros de dados.

Sendo assim, a proposta de avaliação pensada nesse trabalho ficaria semelhante ao apresentado pelo pesquisador com a alteração do deslocamento ofensivo para deslocamento como opção de passe (quando o aluno se torna uma opção de passe.).

REFERÊNCIAS

- ARENA S.S.; BOHME M. T. S.; Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, 14(2):184-95, jul./dez. 2000.
- COSTA I.T.; GARGANTA J ET AL.; Análise e avaliação do comportamento tático no futebol - **R. da Educação Física/UEM Maringá**, v. 21, n. 3, p. 443-455, 3. trim. 2010.
- COSTA L.C.A.; NASCIMENTO J. V. O ensino da técnica e da tática: Novas abordagens metodológicas. **R. da Educação Física/UEM Maringá**, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2. sem. 2004
- FERREIRA E.F.; SOUZA P. R. C. ; GRECO P. J.; Evolução tecnico-tática do handebol (1986 a 1995) e suas consequências para o processo de ensino-aprendizagem e treinamento **R. Min. Educ. Fís.**, Viçosa, v. 9, n. 2, p. 49-56, 2001.
- FRAGA, A. B.; GONZÁLEZ, F. J. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.
- GARCÍA-ANGULO, A., ORTEGA, E., MENDOZA, R. ; Grado de satisfacción y preferencias de jugadores de balonmano en acciones técnico-tácticas según la categoría de juego. García e-balonmano.com: **Revista de Ciencias del Deporte**, 10 (3), 139- 148, 2014.
- GARGANTA, J. M. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Orgs.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2.ed. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, p. 11-25, 1995.
- GARGANTA, J. O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In: GARGANTA, J. (Ed.). **Horizonte e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: Converge Artes Gráficas, 2000. p. 51-61.
- GONZALEZ F.J.; DARIDO S.C.; OLIVEIRA A.A.B. **Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee**. Maringá: EDUEM, 2014.
- GONZALEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância. Vitória: Editora Heinrich Kohler, 2012.
- GRAÇA, A. Os comos e os quando no ensino dos jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Orgs.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2.ed. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 1995.
- GRECO P.J; **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: Aplicação no handebol**. Campinas 1995. 224f. Tese (Doutorado) - FE/UNICAMP, Campinas, 1995.
- GRECO, P. J. Fase central do sistema de formação e treinamento desportivo. In: GRECO, P. J.; SAMULSKI, D.; CARAN JUNIOR, E., coords. **Temas atuais em educação física e esportes I**. Belo Horizonte, Health, 1997, pag.13-32. (Coletânea de trabalhos do Departamento de Esportes da UFMG).
- GRECO, P. J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E.; LEMOS, K. (Orgs.). **Temas Atuais VI em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Saúde Ltda., 2000b, p. 48-72.

LEAO I.C.; VIANA M.T.; GRECO P.J.; SOUGEY E.B.; Construção de um protocolo do nível de conhecimento tático declarativo no handebol. **R. Min. Educ. Fís.**, Viçosa, Edição Especial, n. 9, p. 1108-1114, 2013.

LOPES B. F.; MAGALHAES R.T.; FARIA L.O.; LOPES M. C.; ALBUQUERQUE M. R.; Efeitos da aprendizagem implícita na aquisição de habilidades técnicas no basquetebol. **R. Min. Educ. Fís.**, Viçosa, Edição Especial, n. 9, p. 186-192, 2013.

MATIAS C.J.; GRECO P. J. Cognição & ação nos jogos esportivos coletivos **Ciências & Cognição**, 2010; Vol 15

MATIAS C.J.A.S.; GRECO P. J. Análise de jogo nos jogos esportivos coletivos: a exemplo do voleibol **Pensar a prática**, 12/3: 1-16, set./dez. 2009.

MENEZES R.P.; REIS H.H.B. Análise do jogo de handebol como ferramenta para sua compreensão técnico-tática **Motriz, Rio Claro**, v.16 n.2 p.458-467, abr./jun. 2010.

OLIVEIRA, A. A. Observação e entrevista em pesquisa qualitativa. Universidade Federal de Alagoas. **Revista FACEVV| Vila Velha|** Número, 2010 - facevv.edu.br

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**, 2008.

PERIN I. P.; RAMOS G. S.; O ensino do handebol na escola por meio de jogos. **R. Min. Educ. Fís.**, Viçosa, Edição Especial, n. 9, p. XX-XX, 2013.

RICCI G. S.; DOS REIS H.H.B.; MENEZES R. P.; DECHECHI C. J.; RAMARI C. Avaliação Da Aprendizagem Do Handebol Por Jovens Entre 11 E 14 Anos A Partir Do Método Situacional **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2011.

SAMPAIO, R. S.; COSTA, J. C.; SACCO, B. T. Ensino de esportes por meio de jogos: desenvolvimento e aplicações. **Pensar a prática** 11/1: 17-26, jan./jul. 2008.

SIERRA GUZMÁN, R.; SIERRAGUZMÁN, S. SÁNCHEZ S. F.; SÁNCHEZ S. M.; Análisis de las situaciones tácticas ofensivas de la selección Española masculina de balonmano en desigualdad numérica en Los campeonatos de europa de serbia 2012 y de dinamarca 2014 e-balonmano.com: **Revista de Ciencias del Deporte**, 11 (1), 55-72, (2015).

Martiny L. E.; Fatores que constituem os jogos esportivos coletivos de invasão. Sua relação e interferência no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol. EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, año 17, nº 174, noviembre de 2012. <http://www.efdeportes.com/>

ANEXO A TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bauru, ____ de _____, 2015

Prezados Senhores Participantes

Solicitamos vossa autorização para realização do trabalho de conclusão de curso intitulado “análise do percurso, compartilhado com os alunos, de construção dos processos avaliativos do handebol”. Este trabalho tem por objetivo investigar e analisar o percurso, compartilhado com os alunos, de construção dos processos avaliativos do jogo de handebol, e posteriormente apresentar uma proposta avaliativa para o jogo de handebol.

A coleta de dados será por meio de entrevistas com alunos, estagiários e profissionais que atuam ou atuaram junto à iniciação esportiva. Reforçamos que nenhum procedimento que venha a interromper ou atrapalhar as atividades rotineiras será adotado. A participação nesse estudo é gratuita, não havendo qualquer ressarcimento para os participantes.

Esclarecemos, ainda, que você poderá deixar de colaborar nesta pesquisa a qualquer momento que desejar ou mesmo não responder a questões que julgar “inconvenientes”, mantendo-se sigilo sobre sua identidade e dados da instituição a que esteja vinculado.

A condução dos protocolos de pesquisa, mediante aval da Faculdade de Ciências/Unesp-Bauru, ficará sob a responsabilidade do discente Gabriel Montouro Ferreira sob a orientação da Profa. Dra. Lílían Aparecida Ferreira (docente do Departamento de Educação Física, FC/UNESP-Bauru e orientadora do trabalho), fone p/contato: 3103-6082, ramal 7612 ou pelo e-mail: lilibau@fc.unesp.br. ou gabrielmf92@hotmail.com tel; (14) 981828990

Certos de podermos contar com Vossa colaboração, antecipamos agradecimentos pela consideração e apresento meus cordiais cumprimentos.

Eu _____, RG nº _____, concordo quanto a participação na obtenção das informações para o desenvolvimento do trabalho aqui apresentado, e autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Assinatura do participante

ANEXO B - TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Bauru, ____ de _____, 2015

Prezados Senhores Pais/Responsáveis pelos alunos participantes

Solicitamos vossa autorização para realização do trabalho de conclusão de curso intitulado “análise do percurso, compartilhado com os alunos, de construção dos processos avaliativos do handebol”. Este trabalho tem por objetivo investigar e analisar o percurso, compartilhado com os alunos, de construção dos processos avaliativos do jogo de handebol, e posteriormente apresentar uma proposta avaliativa para o jogo de handebol.

A coleta de dados será por meio de entrevistas com alunos, estagiários e profissionais que atuam ou atuaram junto à iniciação esportiva. Reforçamos que nenhum procedimento que venha a interromper ou atrapalhar as atividades rotineiras será adotado. A participação nesse estudo é gratuita, não havendo qualquer ressarcimento para os participantes.

Esclarecemos, ainda, que você poderá deixar de colaborar nesta pesquisa a qualquer momento que desejar ou mesmo não responder a questões que julgar “inconvenientes”, mantendo-se sigilo sobre sua identidade e dados da instituição a que esteja vinculado.

A condução dos protocolos de pesquisa, mediante aval da Faculdade de Ciências/Unesp-Bauru, ficará sob a responsabilidade Gabriel Montouro Ferreira sob a orientação da Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira (docente do Departamento de Educação Física, FC/UNESP-Bauru e orientadora do trabalho), fone p/contato: 3103-6082, ramal 7612 ou pelo e-mail: lilibau@fc.unesp.br ou gabrielmf92@hotmail.com tel; (14) 981828990

Certos de podermos contar com Vossa colaboração, antecipamos agradecimentos pela consideração e apresento meus cordiais cumprimentos.

Eu _____, RG nº _____, responsável pelo(a) aluno(a) _____, concordo quanto a participação do(a) mesmo(a) na obtenção das informações para o desenvolvimento do trabalho aqui apresentado, e autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Assinatura do responsável

Autor: Gabriel Montoro Ferreira

Orientadora: Profa. Dra. LÍlian Aparecida Ferreira